

CERIMONIAL EM REVISTA

**DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA**

Assine gratuitamente em:
www.pedroamorim.com



ARTIGOS

**CERIMONIAL
UNIVERSITÁRIO:
PARA ALÉM DAS
COLAÇÕES DE GRAU**

POR MANOEL VERAS

**CELEBRAÇÃO DE
CASAMENTOS
HOMOAFETIVOS:
SIMPLEMENTE AMOR**

POR RAFAEL FARIA

**A ARTE DE
ADMINISTRAR EGOS,
MÉRITOS E
PRERROGATIVAS**

POR PEDRO AMORIM

**CONSIDERAÇÕES
SOBRE O CANTO DO
HINO NACIONAL
BRASILEIRO**

POR YVONE ALMEIDA

**EVENTOS EM PESQUISA:
FATOS E PERSPECTIVAS
PARA UM RETORNO SEGURO**

POR ANDRÉA NAKANE E SHIRLEY SALAZAR

**CRIATIVIDADE E
INOVAÇÃO NOS
EVENTOS
CORPORATIVOS**

POR LORENA DOURADO

ÍNDICE

- 03 "Diversidade é riqueza, não fraqueza"
Editorial
- 04 "A arte de administrar egos, méritos e prerrogativas"
Pedro Amorim
- 06 "Considerações sobre o canto do Hino Nacional brasileiro"
Yvone Almeida
- 08 "Celebração de casamentos homoafetivos: simplesmente amor"
Rafael Faria
- 12 "Eventos em pesquisa: fatos e perspectivas para um retorno seguro"
André Nakane e Shirley Salazar
- 15 "Cerimonial Universitário: para além das colações de grau"
Manoel Veras
- 17 "Criatividade e inovação nos eventos corporativos"
Lorena Dourado

REALIZAÇÃO:

**GESTÃO**
Diamante
CONSULTORIA

EXPEDIENTE | ED. 5

Editor-chefe: Pedro Amorim

Revisão final: Renata Cunha

Colunistas da edição: Andréa Nakane, Lorena Dourado, Manoel Veras, Pedro Amorim, Rafael Faria, Shirley Salazar e Yvone Almeida.

Iniciativa e realização: Gestão Diamante Consultoria | Estratégia em Cerimonial e Eventos.

Contato: cerimoniale Revista@gmail.com

Assine gratuitamente em: www.pedroamorim.com

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total sem a devida citação da fonte e dos autores. As ideias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões da revista.

EDITORIAL

DIVERSIDADE É RIQUEZA, NÃO FRAQUEZA

Maio é conhecido, por muitos, como o "mês das noivas". Porém, e se, em vez de abordar o casamento tradicional entre uma noiva e um noivo, trouxéssemos uma realidade de duas noivas? Ou de dois noivos? Uma revista essencialmente opinativa, guiada pela premissa de respeito às opiniões de seus colunistas e leitores, também é guiada pelo respeito à diversidade. Afinal, a realidade com que nos deparamos no dia a dia e no mercado de eventos é cada vez mais percebida pela sua riqueza nas diferenças, que tornam cada momento único e especial, do que pelo que nos faz parecer monotemáticos ou tão padronizados que beiramos a aparência de inflexíveis.

O Conselho Editorial da Cerimonial em Revista tem intrínseco respeito e preocupação em trazer sempre reflexões que busquem representar a diversidade brasileira. Assim, muito além do eixo Rio-São Paulo ou do patriarcado heteronormativo branco, desde a primeira edição sempre trabalhamos para refletir esta diversidade de ideias convidando à colaboração colunistas de todos os gêneros, raças, orientação sexual e lugares de origem. Homens, mulheres, brancos, pretos, nordestinos, sulistas, dos arranha-céus da Av. Paulista ao Acre, acreditamos fortemente que a riqueza reside na diversidade e reflete em um benefício coletivo, o que consideramos como uma força não somente do nosso setor, mas de toda a sociedade brasileira e também da nossa revista.

Nesta edição da **Cerimonial em Revista**, o olhar profissional e sensível sobre a celebração de casamentos homoafetivos representa mais do que "fazer corretamente", mas "respeitar e sentir" de verdade. Dominar as técnicas é apenas um passo para ser dado junto ao nosso lado humano. Esta junção de técnica e humanidade pode ser a chave para executarmos nossa atividade, equilibrando os egos, méritos e prerrogativas dos clientes e autoridades, que tantas vezes surgem à nossa frente, desafiando-nos a administrar critérios técnicos com habilidades interpessoais. Critérios estes essenciais para estimular a criatividade e inovação, tão comuns nos eventos corporativos (um pouco menos presos às regras do Cerimonial Público), mas que também deixam visível a necessidade de estabelecer limites. É possível flexibilizar em algumas situações sim, mas em outras, devemos seguir à risca as normas e leis, como no caso do Hino Nacional, regido pela Lei 5.700 e tantas vezes desrespeitado. Ou nas nuances do Cerimonial Universitário, que vai muito além das refeições de grau e desafia o profissional a manter o caráter oficial e formal dos rituais, sem deixar-se perder pelas emoções que emanam dos públicos destes eventos. Por fim, esta edição nos traz informações riquíssimas sobre fatos e expectativas do setor durante a pandemia, dados coletados em pesquisa recente e cujos principais resultados são comentados em um artigo especial pelas suas autoras, e que representam bem o momento em que vivemos, onde "ser humano" é tão (ou mais) importante quanto "ser profissional".



PEDRO AMORIM

CEO GESTÃO DIAMANTE
CONSULTOR EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE
CERIMONIAL E EVENTOS
EDITOR-CHEFE "CERIMONIAL EM REVISTA"
E-MAIL: PEDROAMORIM@GMAIL.COM
INSTAGRAM: [@PEDROAMORIM.CERIMONIAL](https://www.instagram.com/PEDROAMORIM.CERIMONIAL)

A **Cerimonial em Revista** existe como espaço de reflexões e opiniões de profissionais de Cerimonial e eventos, para suscitar debates relevantes.

Exclusivamente composta por artigos opinativos, a publicação conta com diferentes colunistas convidados a cada edição, para dar voz ao maior número possível de profissionais, professores e colegas que estejam dispostos a compartilhar suas próprias reflexões.

Leia, contribua, distribua!



"Espaço do Leitor" em breve!

*Está gostando dos conteúdos da revista?
Eles são relevantes e importantes para você?
Gostaria de compartilhar alguma situação ou
sua visão sobre o que leu?
Mande sua opinião ou seu relato de como a
revista tem contribuído para você e a
publicaremos em um espaço especial!*

A arte de administrar egos, méritos e prerrogativas

Se “arte” pode ser entendida como a capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma ideia, supondo a criação de estados de espírito, sejam estéticos, críticos ou emocionais, não há dúvidas de que organizar eventos é uma arte. E dentro dela mora esta atividade complexa que é o Cerimonial, responsável por organizar o correto sequenciamento e dar a cada participante o que lhe é de fato ou de direito. Quando me perguntam a minha definição de Cerimonial, entretanto, sempre respondo: “é a arte de administrar egos, méritos e prerrogativas”.

Antes de entrarmos nestes conceitos, é bom lembrar que cada evento é único e esta diversidade pressupõe múltiplos personagens. E, como em uma novela, cada um tem seu papel. Seja palestrante, autoridade, plateia ou organizador, um bom profissional deve compreender que cada um tem seu lugar. E sem julgamento de valor, pois esse julgamento é um passaporte para o profissional ser acusado de preconceituoso ou puxa-saco. O entendimento dos papéis dentro de um evento deve ter base técnica e ser funcional.

Assim, público é público, autoridade é autoridade e equipe é equipe. Porém, em um mundo cada vez mais líquido, os personagens tornam-se fluidos, sendo possível desempenhar vários papéis ao mesmo tempo. Porém, para o cerimonialista, esta fluidez torna-se um dificultador de ordem, uma vez que organização é a base do trabalho em um evento. E organizar é dar o papel a cada personagem, que se compromete, como em um contrato informal, a desempenhá-lo durante o período de execução do evento. O que não quer dizer que as pessoas irão imediatamente concordar com o papel que lhes é dado, correto?

*PEDRO AMORIM

CEO DA GESTÃO DIAMANTE CONSULTORIA, DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DE CEREMONIAL Y PROTOCOLO, E DIRETOR DE PLANEJAMENTO DO CNCP BRASIL. FOI CHEFE DO CERIMONIAL DA PETROBRAS ENTRE OS ANOS 2009 E 2020.



Sim, e é na capacidade criativa de lidar com estas diferentes expectativas que mora a veia artística do cerimonialista, que deve ser capaz de equilibrar egos, méritos e prerrogativas para alcançar o sucesso do seu evento. Ou pelo menos, o não-fracasso completo dele.

Pois quer arte mais desafiadora do que lidar com as expectativas das pessoas? Obviamente, nenhum cerimonialista é o dono da verdade e todos somos suscetíveis a erros. Uma autoridade detentora de um cargo público relevante e que não é considerada para um assento na primeira fila da plateia, por exemplo, tem todo o direito de lhe reclamar a precedência que lhe cabe. E o cerimonialista de escutar, receber a reivindicação e ajustar os papéis distribuídos a partir da nova informação.

Prerrogativas

De fundamental compreensão e domínio pelo profissional, a prerrogativa é o direito inerente ao cargo/função de alguém que o ocupa. Pode também significar privilégio, regalia, mas sempre está vinculada a um determinado ofício, cargo, profissão ou posição ocupada. Os cerimonialistas devem possuir a técnica para administrar as prerrogativas que os personagens de seus eventos detêm.

Dentro da organização de um evento, a prerrogativa é a base para a aplicação das precedências. No Brasil, a Ordem Geral de Precedência é determinada pelo Decreto 70.274, de 1972, que já sofreu algumas alterações, embora seja considerado desatualizado por significativa parcela do segmento de Cerimonial brasileiro. Independentemente das críticas, é o documento base para a observância das prerrogativas e a aplicação das precedências. Quando não em ambiente público, serve como parâmetro, no qual cerimonialistas de outros segmentos podem se basear para formular e adotar critérios específicos e adequados à sua realidade.

Méritos

Diferentemente da prerrogativa, o mérito trata determinado privilégio conquistado por alguém, por reconhecimento público e notório. É aquele *status* alcançado por fato, embora não o seja por direito. Bons exemplos são homenageados e celebridades. Certa vez, quando eu ocupava o cargo de Chefe de Cerimonial da Petrobras, o Presidente da empresa recebeu a visita da Sra. Maria das Graças Meneghel, a "Xuxa", em seu gabinete. O Cerimonial foi envolvido para organizar a visita e dar as tratativas de autoridade à visitante que, embora não possua cargo público ou posição descrita na ordem geral de precedência, foi recebida com acesso à garagem VIP, agendamento prévio, elevador privativo, entre outros elementos reservados às autoridades. O mesmo teria sido feito se a razão da visita fosse participar de um evento na empresa. Todo este aparato se justifica pela comoção que esta personagem causa no público, evitando afetar a fluidez do evento ou cumprimento da agenda. Este ano, o ex-participante do programa *Big Brother Brasil*, Gilberto Nogueira, conhecido como "Gil do Vigor", foi recebido no Palácio das Princesas, em Pernambuco, pelo Governador. São casos de administrar os méritos dos personagens, e não as prerrogativas inerentes aos cargos ou funções.



Ex-BBB Gilberto Nogueira sendo recebido pelo Sr. Paulo Câmara, Governador de Pernambuco.

Egos

Talvez este seja o maior desafio de um cerimonialista. Que organizador de eventos nunca se deparou com aquela "autoridade" que achava um absurdo não ser citada ou que deveria estar sentada ao lado da autoridade mais importante, porque "são amigos desde criancinha"? Ou que precisa subir imediatamente ao palco porque lá na sua cidade "todo mundo me conhece"? E a famosa "você sabe com quem está falando"? Aqui o cerimonialista deve exercer seu dom ou habilidades interpessoais e de persuasão para impor critérios precisos sem ofender ou se deixar levar pela emoção. Afinal, por mais equivocado ou vaidoso que o personagem possa ser ou estar, ele nunca deve ser visto como um inimigo.

Um bom gestor-artista de Cerimonial deve saber onde colocar os egos, méritos e prerrogativas de cada personagem. É ele que deve entender que "prerrogativa" é o direito inerente ao cargo/função, "mérito" o direito que a pessoa adquiriu por reconhecimento ou merecimento legitimado e "ego" o direito que a pessoa pensa ter. Cada qual tem seu momento e seu lugar. Cabe, enfim, ao cerimonialista administrar esta verdadeira fogueira de vaidades em que pode se transformar um evento. Ou você pensou que Cerimonial era só *glamour*?

PEDRO AMORIM (RIO DE JANEIRO, RJ)

SITE: WWW.PEDROAMORIM.COM

INSTAGRAM: [@PEDROAMORIM.CERIMONIAL](https://www.instagram.com/PEDROAMORIM.CERIMONIAL)

Considerações sobre o canto do Hino Nacional brasileiro



***YVONE DE SOUZA ALMEIDA**
PRESIDENTE DA ACADEMIA
BRASILEIRA DE CERIMONIAL E
PROTOCOLO. PEDAGOGA, PÓS
GRADUADA EM PLANEJAMENTO
EDUCACIONAL.. PROFESSORA DE
CERIMONIAL. FOI PRESIDENTE DO
CNCB BRASIL DE 2015 A 2017.

O Comitê Nacional do Cerimonial e Protocolo, CNCB Brasil, vem sendo alvo de muitas perguntas, por parte de cerimonialistas, com relação a que procedimento adotar, diante dos incidentes ocorridos ultimamente na execução do Hino Nacional em Solenidades.

Na condição de ex-Presidente do CNCB Brasil e Presidente da Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo, cumpre-me prestar os seguintes esclarecimentos, por se tratar de tema de interesse geral.

O Hino Nacional Brasileiro é um dos 4 Símbolos Oficiais do País, cuja utilização está regulamentada pela Lei 5.700, de 1º de setembro de 1971.

Em sua Seção II, que trata do Hino Nacional, vê-se, pelo art.24, que é obrigatória a tonalidade de si bemol para execução instrumental simples (inciso II) e o canto sempre em uníssono (inciso III). A adaptação vocal será no tom de fá maior (parágrafo único do art. 6).

Na suposição de que uma parcela expressiva da sociedade ignore as prescrições da Lei, alertamos da relevância de seu conhecimento, pelas camadas sociais mais cultas, os formadores de opinião.

Assim, às autoridades constituídas e aos cerimonialistas em geral, cuja função precípua é zelar pela imagem dessas autoridades e das instituições que representam, enfatizamos o estabelecido no Capítulo VI, que trata das penalidades, transcrevendo seus dois artigos:

Art. 35 - A violação de qualquer disposição desta Lei, excluídos os casos previstos no art. 44 do Decreto-lei nº 898, de 29 de setembro de 1969, é considerada contravenção, sujeito o infrator à pena de multa de uma a quatro vezes o maior valor de referência vigente no País, elevada ao dobro nos casos de reincidência.

Art. 36 - O processo das infrações a que alude o artigo anterior obedecerá ao rito previsto para as contravenções penais.

No entanto, sabemos que a ignorância das nossas leis é resultante de uma séria deficiência na educação formal do brasileiro e de uma triste acomodação daqueles que, a rigor, deveriam ser os seus legítimos defensores.

Nos tempos em que havia o ensino regular de música nas escolas, diziam os professores, com orgulho, que o hino brasileiro e a Marselhesa, o hino Francês eram os dois mais belos hinos pátrios conhecidos no mundo. Hoje ouvimos críticas e interpretações equivocadas sobre o valor do nosso.

Sem dúvida, é mais fácil substituir a letra por um texto medíocre do que implementar sólidas campanhas educativas, visando à formação moral, social e cívica dos brasileiros.

É preciso que as autoridades educacionais levem em consideração o artigo 39 da lei dos símbolos:

“É obrigatório o ensino do desenho e do significado da Bandeira Nacional, bem como do canto e da interpretação da letra do Hino Nacional em todos os estabelecimentos de ensino, públicos ou particulares, do primeiro e segundo graus”.

E, pasmem senhores(as), no seu artigo 40, diz a lei:

“Ninguém poderá ser admitido no serviço público sem que demonstre conhecimento do Hino Nacional”.

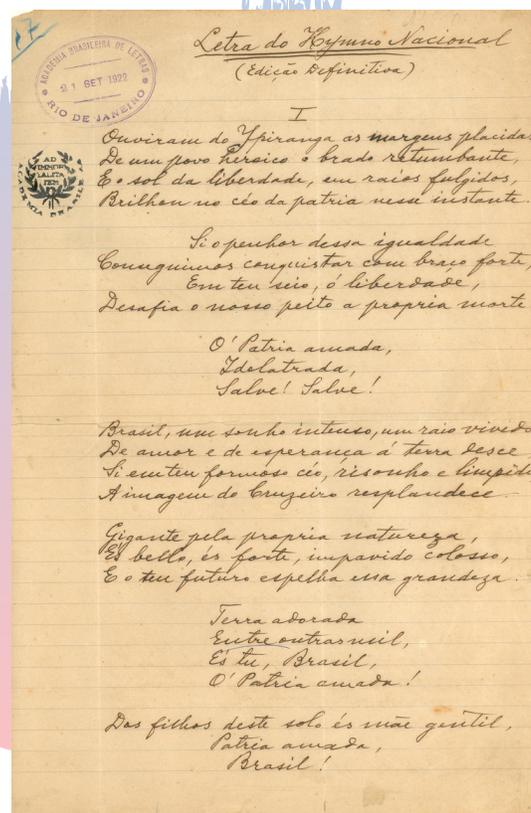
Todavia, quando identificadas violações a dispositivos da lei, a tendência, invariavelmente, é relevá-las, dispensando o infrator das penalidades previstas, sob a alegação de incompetência da população para compreender música e letra que apresentam uma qualidade artística incomum.

Não é difícil concluir que tal postura decorre do desinteresse político em priorizar orçamentos compatíveis com as necessidades da área educacional.

Os diversos incidentes que poluem a internet, como exemplos de descuido com a imagem de nosso País e a total ignorância da Lei em questão, nada mais são do que frutos da falta de educação, de sentimento cívico e também de maturidade profissional.

Por isso mesmo, o Cerimonialista há que ter autoridade suficiente para garantir o respeito aos nossos Símbolos, nas cerimônias que coordena.

No Brasil, não raro, adota-se modelo de cerimonial de outros países, contratando artistas para o canto do Hino Nacional, por desconhecimento do art.34, assim redigido:



Manuscrito do Hino Nacional, escrito em 1909

“É vedada a execução de quaisquer arranjos vocais do Hino Nacional, a não ser o de Alberto Nepomuceno; igualmente não será permitida a execução de arranjos artísticos instrumentais do Hino que não sejam autorizados pelo Presidente da República, ouvido o Ministério da Educação”.

A permissão continuada de práticas que lhe são contrárias não só enseja como reclama uma urgente e profunda reformulação das normas legais vigentes.

Enquanto os nossos legisladores não providenciarem alterações satisfatórias, cabe a nós, cerimonialistas, autoridades constituídas, artistas, antes de tudo cidadãos brasileiros, juntamente com todos os demais cidadãos, cumprir e fazer cumprir as Leis deste País.

YVONE DE SOUZA ALMEIDA (BRASÍLIA, DF)

E-MAIL: YVONE0405@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@ABCP_CERIMONIAL](https://www.instagram.com/ABCP_CERIMONIAL)

Celebração de casamentos homoafetivos: simplesmente amor

Entre curiosidade e apontamentos, o casamento entre homoafetivos atrai olhares e desperta dúvidas, mesmo na certeza que não passa de amor.

Porém, muitos profissionais ainda não se despertaram pra essa realidade.

"Rafael, você celebra casamento homoafetivo?" Não sei quanto tempo faz que recebi pela primeira vez esta pergunta. Mas lembro bem da sensação. Um misto de medo, receio e até de certeza pela resposta que sairia da minha boca. Também não sei ao certo quantas vezes precisei respondê-la. Só sei que foram muitas. E posso ainda afirmar que todo questionamento chegava acompanhado da dúvida de quem perguntava, creio até que não por medo da minha resposta. Quem sabe, por não saber se fazia uma pergunta correta, ou politicamente correta.

E isso é muito compreensível. Vivemos numa sociedade cheia de caixinhas. Aliás, fomos educados pra isso. Uma sociedade que teima em nos apontar o correto segundo princípios que, mesmo nascidos há séculos, ainda que, por alguns, querem se manter intactos. Não que isso tenha sido errado algum dia e agora é correto. Logo quando me deparo com esses questionamentos até me vem a dúvida: será que o receio de quem pergunta é por ser algo imoral ou amoral, segundo os padrões então definidos?

A Duda e a Tata foram as primeiras mulheres que eu casei. Depois vieram a Pri e a Nathi, Simone e Rafaelle, Dani e Joyce... Entre os homens começou com Júnior e Pedro, seguiu para Maurício e Neto, Gustavo e André... Só pra citar alguns.

*RAFAEL FARIA

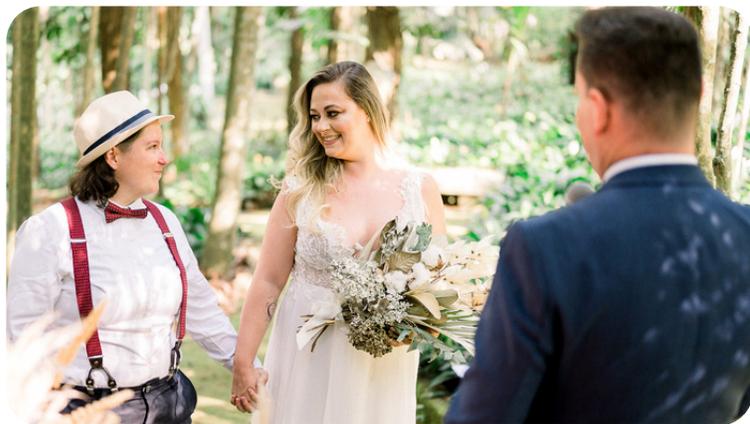
GRADUADO EM JORNALISMO, COM PÓS EM COMUNICAÇÃO CRIATIVA. É CERIMONIALISTA, MESTRE DE CERIMÔNIAS E CELEBRANTE DE CASAMENTOS. ATUOU EM JORNAIS, REVISTAS, RÁDIO E TV. É PROFESSOR DE ETIQUETA, EVENTOS E ORATÓRIA



E quer saber a história de amor deles? *Orkut, Facebook, Tinder* ou *Grindr*. Na faculdade, no carnaval, na academia ou no mesmo prédio em que trabalhavam. Jantar, cinema, passeio no parque ou viagem. O toque, as palavras, o jeito de sorrir ou a sinceridade no olhar. E o que isso tem de diferente? Fui buscar na memória – e no arquivo no meu HD externo, o que eu tinha falado pra Sabrina e para o Maurício, o primeiro casal que atendi, e também para a Luana e o Leandro, um dos casais de abril passado, com cerimônia intimista e muito restrita, nestes tempos de pandemia.

A minha percepção neste comparativo é que a única diferença estava em mim. Obviamente que evolui desde a primeira cerimônia. Já não tenho os mesmos medos e vícios. Afinal, mais de dez anos se passaram. Talvez hoje não usaria as mesmas palavras ditas diante da Duda e da Tata, nem mesmo do Júnior e do Pedro e, talvez, até da Luana e do Leandro. Eu mudei.

Claro que também evolui na forma de criar as cerimônias. Aliás, entre uma união hetero ou homoafetiva pouca coisa muda, ou quase nada. As reuniões de apresentação fluem no mesmo ritmo. Cabe a mim apresentar o papel do celebrante, ouvir do casal suas expectativas e, no final, sendo um casal homoafetivo, eu pergunto: “e na hora do beijo, o que desejam?”.



Rafael Faria celebra casamento de Priscila e Nathália /
Foto: @camadegato

Enquanto alguns pedem que eu não fale de beijo, outros já querem ser motivados. E, em algumas situações, até os que não queriam qualquer menção, embalados pelo momento, protagonizaram um beijo cinematográfico. E o beijo, obviamente, ocorre depois que os declaro casados. E aqui, vale uma observação. Tenho como prática não usar o “eu os declaro marido e mulher”, isso para casais héteros, claro. Logo, já é meu ambiente comum usar o “eu os declaro casados” ou, no caso de duas mulheres: “eu as declaro casadas”. Nada de marido e marido, hein!

Ao montar a cerimônia, costumo redigir palavra por palavra. Essa é minha fórmula para ser natural e ler o menos possível as fichas. Não que eu precise seguir um *script* à risca. Costumo dizer que concluo uma cerimônia, e entendam isso como ato de deixar nela um ponto final, apenas quando me despeço do casal. É no altar que vem à tona a emoção do momento, formada pelos olhares atentos e silenciosos dos convidados, pelos noivos a acariciarem as mãos um do outro enquanto me ouvem e pelos suspiros que provocam até eco entre as pausas.

E qual o motivo dessa explicação? Tudo para dizer que são nas cerimônias entre Maria e Maria, ou João e João, que mais me permito sair daquilo que pensei para o grande dia desses casais. O que facilmente ocorre por toda carga emocional que ali encontro.

A chegada de dois homens ou duas mulheres ao altar, como já me disseram, representa, muitas vezes, a quebra de rupturas de uma sociedade que há anos (leia-se séculos) tem por tradição o que é certo ou errado, como se houvesse apenas esses extremos. Amar, para estes casais, vai além de paradigmas. É viver longe de caixinhas e parâmetros, mesmo passando por dificuldades, o que é muito comum nestas histórias. Ninguém escolhe sofrer, e vou além: ninguém escolhe amar ou a forma de amar. O amor acontece, nasce das vivências e experiências que o outro nos propõe. Somos todos assim.

Então, de onde surgem tantos tabus? Eu já atendi casais do mesmo sexo que não foram “aceitos” por outros celebrantes. Tive casos de colegas que me indicaram por não se sentirem confortáveis ou até por terem alguma objeção religiosa sobre esse tipo de união. Estariam errados? Creio que depende da forma como cumprem sua missão de celebrar. E a mesma análise é válida para todos os outros profissionais envolvidos. Que valores carregam? Isso é muito pessoal e não cabe, a quem foi contratado para servir na realização de um sonho, seja estando na função de manobrista, garçom, músico ou assessor qualquer comentário ou comportamento homofóbico e constrangedor.

Por prática, até mesmo na união de homem e mulher, não uso o termo “matrimônio” que, literalmente, significa “o dever da mãe”. Quem sou eu pra profetizar ou determinar que um casal tenha filhos? Estou ali para falar de amor. Pelas histórias que encontro é fato que se duas pessoas se amam, elas farão o que for melhor uma para a outra. Não faltará coragem, dos dois lados, pra viverem felizes. E vou além: é rara uma cerimônia de casamento homoafetivo onde o casal não quer a leitura de um trecho bíblico, orações cristãs e até uma menção sobre Deus. São pessoas que, além de muito amor, também possuem uma crença enorme em dias melhores e felizes.

Faz um tempo que a homossexualidade entrou na pauta das discussões das Casas de Leis. Uma discussão que poderia ser facilmente descartada se estivéssemos em uma sociedade que respeitasse as escolhas individuais e realmente tratasse a todos como iguais. O problema é que quando se discute, sempre vem à tona valores pessoais de quem faz “uso da palavra”, muitas vezes carregado de uma carga moral religiosa.

Apesar disso, parte do mundo avançou. Parte por ainda termos lugares onde amar alguém do mesmo sexo é tido como crime e até sentença de morte. Por aqui, em território tupiniquim, é certo que adoção, união estável e casamento civil já são pontos superados, seja por lei ou jurisprudência, quando os protagonistas são pessoas do mesmo sexo. E assim, aos poucos, vamos nos atualizando e nos tornando menos preconceituosos na formulação de leis e na garantia de seu cumprimento. E que lição o saudoso Paulo Gustavo nos deu. A imprensa sempre tratou o médico Thales Bretas como “marido” do ator. Nada de tratá-lo como “companheiro”. Que avanço!

A própria sigla evoluiu, ganhou cores e novas formas. Hoje, aos 42 anos, posso dizer que sou do tempo que tudo se resumia a GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Com o tempo o “S” perdeu razão por entenderem que os heterossexuais que apoiavam a causa não eram protagonistas da luta. E agora temos um LGBTQIA+, numa verdadeira e justa celebração da diversidade e luta pelos direitos e inclusão de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero, onde cabem lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, drags, intersexuais, assexuais, pansexuais e quem mais quiser.

O que cabe agora é a sociedade entender que não há uma forma melhor ou pior de afeto. Existe apenas afeto. Não existe forma superior de amor, só amor. E ao cerimonial cabe celebrar.



Rafael Faria celebra casamento de Lindsay e Wesler /
Foto: @camadegato

Já ouvi dizer que não precisamos “aceitar” o diferente, mas respeitar. E até entendo que realmente é difícil quebrar paradigmas tradicionais. Então, que nos valhamos da premissa que todo ser humano deve ser respeitado. Discriminação é crime, se quisermos uma sociedade justa devemos primeiramente rever nossa forma de conviver com o restante do mundo.

E agora, pra vocês, é hora de responder a pergunta lá do início: **“Rafael, você celebra casamento homoafetivo?”** Minha resposta: **“eu celebro casamentos, eu celebro o amor”**.

RAFAEL FARIA (SÃO PAULO, SP)
SITE: WWW.RAFAELFARIA.COM.BR
INSTAGRAM: [@RAFAELFARIA.SP](https://www.instagram.com/RAFAELFARIA.SP)



Izabel Barros

ESPECIALISTA EM CERIMONIAL
E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS
Rio Branco/AC

Izabel Barros

ESPECIALISTA EM CERIMONIAL
E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

📞 68 9 9201-3099

📞 68 9 9231-4301 | R.S.V.P.

📷 izabelbarrosac

📌 Izabel Barros Assessoria

📺 Izabel Barros cerimonialista

✉ ibcerimonial@hotmail.com

📍 Rio Branco/AC



CLIQUE NOS ANÚNCIOS PARA MAIS INFORMAÇÕES

A SUA **MARCA** REPRESENTA BEM O SEU
PROPÓSITO?

FAÇA JÁ O SEU

LOGOTIPO

exclusivo e personalizado



Renata Cunha

Comunicação Visual | www.renatacunha.co | recunha.design@gmail.com

*Assinantes da Cerimonial em Revista têm 10% de desconto

**CURSOS
VIRTUAIS**

JUNHO/2021

19h às 23h

IBRADEP
Gestão da Comunicação

INSTRUTORA:
GILDA FLEURY MEIRELLES

Data	Tema	Data	Tema
1	Normas Protocolares para o Judiciário (4h)	22	INTENSIVO Eventos, Cerimonial e Protocolo Nacional e Internacional (12h)
3	Mestre de Cerimônias (4h) Técnicas para apresentação virtual e presencial	23	
		24	
8	Cerimonial para Municípios (4h)	29	Protocolo e Cerimonial (8h)
11	Organização de Eventos virtuais e híbridos (4h)	Informe o código #CERIMONIALEMREVISTA no ato da sua inscrição e ganhe 10% de desconto!	
17	Etiqueta e Postura - É preciso bom senso! (4h)		

Incluídos: Apostila e Certificado Digital
Entre em contato conosco:
ibradep@ibradep.com.br e danieli@ibradep.com.br
Instagram: @ibradep

Eventos em pesquisa: Fatos e perspectivas para um retorno seguro

Desde a decretação da pandemia, e lá se vão 14 meses, a sociedade está em constante mudança, tentando assimilar e sobreviver a este novo momento e circunstância.

Segundo o II Dimensionamento Econômico da Indústria de Eventos no Brasil – 2013, organizado pela Associação Brasileira de Empresas de Eventos Brasil (ABEOC) e do SEBRAE, o setor de eventos foi responsável por 7,5 milhões de empregos diretos, indiretos e terceirizados no contexto nacional e contribuiu com R\$ 48,69 bilhões de impostos, demonstrando assim sua pujança e ressaltando sua contribuição de 4,3% do PIB do Brasil.

O setor sedimentava-se como um dos mais importantes no que diz respeito à prática mercadológica e socializadora de suas realizações, até a chegada da pandemia de Sars-CoV-2 que, de forma brutal e avassaladora atingiu globalmente todas as economias, e inúmeros e grandiosos desafios emergiram para todos, sobretudo na área dos eventos.

Independentemente das categorias (sociais, corporativos, esportivos, de entretenimento, religiosos, etc.), não se chegou a um protocolo adequado visando a segurança dos profissionais, resultando na liberação dos quadros funcionais, cancelamento de contratos e até falta de pagamento por parte dos contratantes. Além do desalento e da falta de oportunidades, nenhum auxílio emergencial foi pensado para atender a essa categoria de profissionais. **Sem auxílio, sem emprego, sem perspectiva, como esses profissionais poderiam sobreviver a essa catástrofe?**

***ANDRÉA NAKANE**
DOUTORA EM COMUNICAÇÃO,
AUTORA DE LIVROS E SÓCIA-
DIRETORA DA MESTRES DA
HOSPITALIDADE. POSSUI 29
ANOS DE EXPERIÊNCIA NAS
ÁREAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS,
CERIMONIAL E PROTOCOLO,
HOSPITALIDADE E INDÚSTRIA.



***SHIRLEY SALAZAR**
BACHAREL EM TURISMO, MESTRE
EM HOSPITALIDADE, POSSUI 39
ANOS DE EXPERIÊNCIA
PROFISSIONAL E 21 ANOS COMO
DOCENTE, NAS ÁREAS DE
TURISMO, EVENTOS E EDUCAÇÃO.
ATUALMENTE, É SÓCIA-DIRETORA
DA MESTRES DA HOSPITALIDADE.



Para mensurar o impacto causado pela total insensibilidade para com esses trabalhadores, a Mestres da Hospitalidade – por meio das sócias Andréa Nakane e Shirley Salazar - elaborou e aplicou de 2 a 14 de abril de 2021 a pesquisa intitulada “O SEGMENTO DE EVENTOS FRENTE A PANDEMIA DE Sars-CoV-2 (COVID19) “ - FATOS & EXPECTATIVAS.

A aplicação dessa pesquisa permitiu extrair diretamente do contingente profissional do segmento de eventos a realidade vivenciada durante todo esse período pandêmico, ainda com baixas perspectivas de retorno dos eventos presenciais, sobretudo no Brasil, prioritariamente pela inadequada gestão pública contra o avanço do vírus no País.

Com respondentes das cinco regiões do País, a pesquisa cristaliza que a amarga realidade da ociosidade compulsória é ponto de convergência em todo o território nacional. A busca de oportunidades em outros ramos econômicos tornou-se uma prerrogativa de pura sobrevivência, já que a maioria não conseguiu migrar para produções vinculadas aos ambientes virtuais, apesar de terem sido realizados inúmeros projetos nesse modelo.

Muitos acabaram por aproveitar o tempo mais abundante em suas agendas para investir em conhecimentos e aquisição de novos saberes, o que explicita um fator positivo, sendo o mesmo percebido nas respostas à única questão aberta da pesquisa, que solicitava aos respondentes completar a sentença referente ao futuro dos eventos.

A quantidade de frases cunhadas em pensamentos demonstrativos de base informativa e com conteúdos maduros e perspicazes chama a atenção, retratando um segmento muito consciente e com os “pés no chão” frente a dura realidade vivenciada.

A percepção das mudanças provocadas pelas contingências sanitárias induz a um contínuo pensamento de busca de soluções inovadoras, mais criativas e performáticas, que se iniciaram com a migração dos eventos presenciais para a plataforma virtual, de forma muito ágil.

Porém conforme as possibilidades futuras, acena-se com a oferta da composição dos eventos híbridos, parte presencial e parte virtual ao mercado, o que denota a convivência entre essas realidades tão diferentes, mas que unificadas irão oferecer ganhos e satisfações para os públicos de interesse envolvidos.

Há, majoritariamente por parte da cadeia produtiva de eventos, a intenção de aderir às práticas reguladoras de ambientes mais seguros, que mitiguem contágios pelo COVID-19, possivelmente, também extensivos ao público, sobretudo, no que diz respeito ao uso de meios comprobatórios de sua imunização, por meio de um atestado ou carteira de vacinação.

A perspectiva de retorno dos eventos presenciais ainda no segundo semestre de 2021, no Brasil, é muito baixa (8,4%) se comparada com o percentual de outras regiões do mundo (67%).

E, com estas respostas, fica claro que a política de imunização em massa com vacinas liberadas é uma condição *sine qua non* para esse estágio. Como essa ação foi comprometida em termos de escala x tempo, pelo retardamento na aquisição das vacinas pelo poder público, a esperança de um retorno ainda esse ano acaba não sendo creditada como algo viável, diferentemente de outros países que já estão experimentando uma gradativa e responsável retomada das práticas de eventos, inclusive de grande porte, como na Austrália e na Nova Zelândia.

As projeções econômicas já indicam boas perspectivas de crescimento da economia global: 6% em 2021 e 4,4% em 2022, segundo o FMI. Vislumbra-se um maior aumento nos gastos e no consumo acompanhado de um fugaz estado de espírito mais ansioso, na tentativa de viver o que não foi vivido. E nesse cenário, os relacionamentos, o lazer, as viagens, a moda, as experiências mais inusitadas, o contato maior com a natureza, a maior apreciação das artes e o prazer irão destacar-se, nos direcionando ao hedonismo. Essas áreas de interesse para a realização de eventos estarão em alta, assim como os de cunho científico.

É notório que virão mais pandemias, conforme prega a comunidade científica. Neste contexto, intercâmbios de informações e pesquisas serão cada vez mais necessários, gerando oportunidades para eventos técnico-científicos.

Os eventos digitais não irão recuar, mas demandarão cada vez mais expertises em suas operações, e mais uma vez, àqueles que persistirem no investimento em sua capacitação terão mais chances de trabalho, não de emprego, pois no segmento de eventos já existia uma forte adequação a essa nova realidade laboral.

Em ambiências pós controle da pandemia, o hibridismo será a mola mestre dos eventos, permitindo inclusive que ocorra uma melhor adequação orçamentária, tendo em vista a vulnerabilidade inicial da economia como um todo. Atributos como inovação e criatividade sempre foram perseguidos pelo segmento de eventos, porém ganharam ainda mais destaque nesse momento. Os mesmos estão atrelados à esfera da transformação digital, na tríade tecnologia, processos e pessoas.

A disrupção foi feita, de forma considerada - por muitos - perversamente violenta, mas frente a adaptabilidade inerente ao ser humano, novos modelos de negócios e atuação laboral estão sendo formatados e exigiram, mais do que nunca, uma real confluência de todos os integrantes da cadeia produtiva de eventos.

A corrente é uma metáfora perfeita para a plena compreensão do segmento de eventos, onde cada elo representa uma categoria e está em junção com outro ou outros. Sua ausência, fragilidade ou até mesmo inadequação afetará toda a harmonia e estrutura dessa peça. Por isso é preciso estarmos juntos, alinhados com as premissas que nos unem, caso contrário, sem força e isolados, não conseguiremos transmitir a pujança do setor para a sociedade.

Sejamos, cada um em seu elo, a sustentação de seu próprio eixo simétrico e o alicerce cooperativo da corrente que integramos. O design e o material serão detalhes, pois a funcionalidade permanecerá inalterada.

Depois de muitos protestos surgiu a ideia do PERSE - Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos, aprovado pela Câmara dos Deputados e sancionada, com vetos, no último dia 3 de maio de 2021. Direcionado aos segmentos turístico e de eventos, mas ainda com o foco em Pessoas Jurídicas e não Físicas, o PERSE deixa ainda uma grande lacuna a ser preenchida com políticas públicas dirigidas.

A retomada irá acontecer, não no ritmo que o segmento gostaria e seria tão necessário para diminuir as perdas geradas pelo perecimento ocorrido pela maior crise de saúde pública desde século. Mas não é possível pensar no mundo sem os eventos, já que nossa essência social nos compele buscar o estarmos juntos, seja para trocas diversas focadas em informações, conhecimentos, celebrações, torcidas, vivências de emoções, enfim... de demonstrarmos toda a nossa humanidade, que não é tangenciada pelo individual e sim pelo coletivo.

Acreditemos... estejamos disponíveis... e, sobretudo... juntos! Nosso mercado voltará e nosso trabalho, como uma fênix, demonstrará mais uma vez nossa força econômica e o poder de pura hospitalidade que edifica alianças tão vitais para nosso bem viver.

ANDRÉA NAKANE E SHIRLEY SALAZAR (SÃO PAULO, SP)

E-MAIL: MESTRESDAHOSPITALIDADE@UOL.COM.BR

SITE: WWW.MESTRESDAHOSPITALIDADE.COM.BR

Cerimonial Universitário: para além das colações de grau



*MANOEL VERAS

CERIMONIALISTA E MESTRE DE CERIMÔNIAS, MINISTRANTE DE CURSOS NO SEGMENTO E SIMILARES, FILIADO AO CNCP BRASIL E À ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CERIMONIAL E PROTOCOLO - ABPC. COORDENADOR DO CERIMONIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI), ONDE ATUA HÁ 24 ANOS.

Ao se falar em cerimonial universitário, no senso comum das pessoas, remete diretamente às colações de grau ou como muitos erroneamente intitulam, as “formaturas”. É um grande equívoco. Aos que lidam nesta seara sabem o quão grande é o seu segmento de atuação e trabalho.

Sem nos deter na História, o cerimonial universitário tem o seu berço na Europa, oriundo das práticas religiosas, por meio das escolas de formação de clérigos, daí porque os trajes são similares.

Trata-se de um cerimonial enriquecido bem diferente dos demais segmentos quanto a simbologias com acréscimos de alguns ritos próprios de rigor, formalidade e pompa.

A atividade do cerimonial em uma universidade cumpre o mesmo rigor protocolar do cerimonial público: precedência, prerrogativas, protocolo, regras e os trajes específicos diante das solenidades acadêmicas.

A Popularização da universidade

Nos últimos dez anos têm crescido progressivamente as instituições de ensino superior no Brasil, mas nem todas são universidades. Até algumas instituições particulares já recebem o status de Centro Universitário, chancelado pelo Ministério da Educação, assim se tornam com este perfil, acrescido com a figura do reitor.

Com a explosão de faculdades, institutos, centros de ensino superior, a procura se agiganta quando cada um deseja realizar o ‘sonho’ de ter um curso superior. Em todas as instituições o coroamento desta conclusão se efetiva com uma solenidade. E tal solenidade é por meio de uma **colação de grau**, na qual o aluno concluinte, denominado de graduando, presta um juramento e, em seguida, a figura de importância maior da universidade - o reitor, confere o grau aos alunos presentes àquele ato. Cumpre-se todo um ritual com passos detalhadamente esculpidos pelo cerimonial, desde a entrada dos professores até o ato de declaração de encerramento da solenidade. Trata-se do evento de maior significância de uma universidade: a colação de grau. Por isso tem de ser bem feita e, por alguém que verdadeiramente, entenda e domine os seus protocolos. E cerimonial é com cerimonialista!

A Indumentária

As solenidades de caráter mais oficiais exigem que as autoridades acadêmicas utilizem-se de trajes talares: beca, samarra, capelo, borla, faixa enobrecendo o evento sinalizando um status elevado. Infelizmente, por desconhecimento e por não possuírem uma equipe de quem entende de cerimonial, muitas colações de grau perdem o seu real sentido quanto ao rito puramente oficial, legal e formal de uma instituição. A formalidade se esbarra na contratação de empresas de decoração ou de “formaturas”, falta de educação dos convidados quando maculam o evento com modismos que ferem o rito acadêmico.

Na universidade - casa do saber por excelência, nos seus estatutos e regimentos internos, legislam ainda a concessão de vários títulos, entre os alunos, professores e técnicos-administrativos.

Quanto às solenidades acadêmicas, citamos algumas delas, a saber: Colação de Grau: Graduação; Cerimônias de conclusão de especialização, mestrado e doutorado; Transmissão de Cargo (Posse Reitoral, Posse da Nova Diretoria); Aula Magna e Aula de Sapiência; Concessão de títulos honoríficos; Aposição de “Portrait”; Lançamento de Livros; Lançamento de Pedra Fundamental. Podemos ainda elencar outros eventos: Assinatura de Convênios, Acordos Universitários, Inauguração, Congresso, Seminários, Palestras, Conferências, Colóquios, Exposições, Visita de Autoridades...

Quanto a honrarias concedidas por uma universidade citamos: Medalha do Mérito Administrativo ou Mérito Acadêmico, Láurea universitária, Professor Emérito, Professor “Honoris Causa”, Doutor “Honoris Causa”.



O grande equívoco

Há, no Brasil, um ruído interminável, por parte até de colegas de lide universitária, em titular as solenidades de diplomação de graduandos (colações de grau) de “formatura”. Nunca. As formaturas sim, acontecem, mas nas corporações militares das forças armadas (IME, AFA, AMAN, EPCEX, etc.). Nas universidades e faculdades não temos formandos, tampouco formaturas. Trata-se por sinal, da maior das solenidades, a de colação de grau. Tem todo um ritual a ser seguido com suas etapas, os trajes acadêmicos que se diferem entre graduando, docentes homenageados e reitor.

Um vexame no ritual

Observa-se de norte a sul uma deturpação durante os atos de colações de grau. Um desrespeito para com o cerimonial, um acinte para com uma instituição acadêmica, que no auge da trajetória de ensino, pesquisa e extensão, se perplexa em virtude do afã da emoção que flui de cada personagem, exacerbam nos ruídos com a utilização de instrumentos de poluição sonora.

Outro dado ainda, são danças pernósticas, músicas inapropriadas para o rito tão solene, muitas vezes sem até passar pelo crivo da equipe de cerimonial, que a esmo, se desdobra em um trabalho ensaiado, organizado e orientado. E o pior (como tenho visto por uma rede social), aplausos por membros da mesa solene pra atos vis como estes.

Em uma solenidade de âmbito educacional, por vezes falta a própria educação. Enfim, cerimonial universitário tem ainda muito campo a percorrer para que todas as instituições de ensino superior possam tratar o ritual tal qual como ele é e como ele deve ser. Um ato oficial, legal e formal da instituição. Tenho dito.

MANOEL VERAS (TERESINA, PI)

E-MAIL: VERAS.MANOEL@HOTMAIL.COM

INSTAGRAM: [@MANOELVERAS2021](https://www.instagram.com/MANOELVERAS2021)

Criatividade e Inovação nos Eventos Corporativos

Para muitas pessoas os eventos corporativos ainda são sinônimo de cerimoniais com formatos tradicionais e cheios de formalidade. Mas no mundo de hoje, que valoriza a novidade, sair do comum se tornou imprescindível para quem busca atrair público, atenção e, principalmente, a satisfação dos participantes. Então, por que permanecer no tradicional quando é possível, sim, inovar no universo corporativo?

Pesquisa recente da plataforma americana de gerenciamento de eventos, *Eventbrite*, indica que 72% das pessoas da geração Y (conhecidos como *millennials* ou geração da internet, nascidos entre a década de 80 e meados dos anos 90 e que correspondem a 34% da população brasileira) preferem gastar mais dinheiro em experiências a adquirir objetos materiais. Esse dado é um excelente indicador para nos conduzir a desenvolver eventos com criatividade e inovação, valorizando atividades imersivas e que agucem diversos sentidos, fazendo com que o participante vivencie e realmente se sinta parte daquele momento.

Para evitar que o público fique com pensamento longe ao participar de uma palestra, congresso ou feira, devemos buscar proporcionar uma experiência única, com maior interação entre os participantes para tornar o evento memorável. Romper as barreiras do tradicional e da formalidade em alguns ambientes de trabalho pode não ser tarefa tão simples, mas seguindo alguns passos é possível tirar as boas ideias do papel e torná-las executáveis.

*LORENA NOBRE DOURADO
ESPECIALISTA EM GESTÃO DE
EVENTOS CORPORATIVOS,
MESTRE DE CERIMÔNIAS E
ANALISTA DE COMUNICAÇÃO
E CERIMONIAL DO SISTEMA
FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS
DO ESTADO DO PARÁ (FIEPA).



O primeiro deles é buscar referências. Pesquisar sobre o que já foi feito, como foi feito e quais foram os resultados obtidos vai ajudar você a ter novas ideias, aprender sobre novas técnicas e conhecer outras realidades. Use o *benchmarking* a seu favor, compare outros eventos e faça a análise dos dados de sucesso. Procure o que tem de melhor no cenário, mas seja original.

Em seguida, faça reuniões de *brainstorming* com todos os envolvidos na produção do evento para alinhar as expectativas e objetivos almejados. São nesses momentos de discussões de ideias que surgem as oportunidades perfeitas para dar asas à imaginação. Anote tudo o que passar na cabeça de cada um em relação ao evento. Por mais malucas que as primeiras opiniões possam parecer, registrem tudo, pois é a partir dessas ideias que as inspirações podem se transformar em um projeto concreto. E, vale dizer, não se frustre se nesse primeiro momento ainda não sair algo muito bem desenhado. Muitas vezes o *insight* para a compreensão do problema ou a ideia para a solução pode surgir quando menos se espera, realizando tarefas simples do dia a dia, por exemplo.

A criatividade e a inovação podem incrementar e trazer sofisticação aos eventos corporativos, pois possibilitam buscar novas soluções para gargalos antigos e muitas vezes deixados de lado. Portanto, é importante estar sempre antenado às novidades e usar a sua experiência já acumulada como profissional de eventos, que tem uma previsão dos problemas que podem acontecer no meio do caminho, para sair dessas situações de maneira criativa, usando os recursos tecnológicos a seu favor. A tecnologia já está fazendo mudanças profundas na indústria de eventos, por isso invista nessas ferramentas para melhorar os serviços, agilizar credenciamentos, diminuir filas, mas também para criar surpresa e diferenciação.



Foto: Stephan Sorkin

Pense, por exemplo, em óculos de realidade virtual, telas sensíveis ao toque e aplicativos personalizados para convidados, que ofereçam desde interações com outros participantes via *feed* até a participação em "gamificações". Ou por que não investir em pisos responsivos e interativos para tornar a atmosfera mais envolvente? Imaginem elementos interagindo com o usuário conforme ele circula pelos espaços. Outra ideia que está dominando os eventos corporativos são as conferências silenciosas, nas quais os palestrantes ficam numa espécie de aquários à prova de som: as palestras são gravadas em *podcasts* e os participantes usam fones de ouvido, podendo mudar de painel sem sair do lugar.

Após essa etapa, incentive também o compartilhamento de fotos e vídeos do evento nas redes sociais como aliados na divulgação. Planeje espaços "instagramáveis" com frases, ambientes coloridos e divertidos e crie uma *hashtag* para o evento. Capriche na cobertura desde os bastidores até o encerramento e tenha presença em diversas redes digitais como *Facebook*, *Instagram*, *LinkedIn* e *Youtube*. Dessa maneira, além de tornar o evento mais divertido, essas ações fortalecem a marca e podem proporcionar uma dose generosa de surpresas positivas.

Por fim, esteja sempre com a cabeça aberta para novas ideias. Para conseguir chegar lá e quebrar paradigmas é preciso muita preparação, conhecimento de mercado e disposição para compreender quem é o seu público e quais são suas motivações. É com essa conexão entre criatividade e tecnologia que podemos gerar soluções inovadoras e agregar valor para os eventos.

Lembre-se: a magia está nos detalhes!
Às vezes, são pequenas reviravoltas que você adiciona a elementos do evento que podem mudar a percepção da qualidade dele, transformando-os em uma experiência diferente e única. Por isso, tenha saídas criativas: seja um formato inovador, um *design* incrível, uma opção de engajamento do participante ou até o modo como o tema do evento aparece em cada detalhe.
Essa é a chave para um evento inesquecível!

LORENA NOBRE DOURADO (BELÉM, PA)

E-MAIL: LORENADOURADO.CERIMONIAL@GMAIL.COM

INSTAGRAM: [@LORENADOURADO.CERIMONIAL](https://www.instagram.com/LORENADOURADO.CERIMONIAL)

PARCEIROS INSTITUCIONAIS:



ACADEMIA BRASILEIRA DE
CERIMONIAL E PROTOCOLO



**TODO
CERIMONIALISTA
PRECISA SER
ESTRATEGISTA.**

**TREINAMENTOS,
WEBINARS E
CONSULTORIAS EM
GESTÃO DE EVENTOS,
CERIMONIAL E
PROTOCOLO.**



**GESTÃO
Diamante**
CONSULTORIA

www.pedroamorim.com